

VIGILÂNCIA, SOFRIMENTO PSÍQUICO E CÓDIGOS OCULTOS NO MUNDO CORPORATIVO: UMA ANÁLISE FÍLMICA

Márcia Cristina Martins Veloso Pacheco¹, Elizeth Ferreira de Sá Soares², Alex Tarcísio Eustáquio D'Ates da Silva³, Maria da Conceição Zulcom⁴, Felipe Gouvêa Pena⁵

¹Discente do Centro Universitário Unihorizontes, Belo Horizonte, Brasil
(marcia.veloso.pacheco@educacao.mg.gov.br)

²Discente do Centro Universitário Unihorizontes, Belo Horizonte, Brasil

³Discente do Centro Universitário Unihorizontes, Belo Horizonte, Brasil

⁴Discente do Centro Universitário Unihorizontes, Belo Horizonte, Brasil

⁵Docente do Centro Universitário Unihorizontes, Belo Horizonte, Brasil

Resumo: Este artigo analisa as transformações nos dispositivos de controle e poder a partir do longa-metragem *O Agente Secreto* (2025). O estudo traça um paralelo entre a paranoia analógica da ditadura militar brasileira e os mecanismos de vigilância algorítmica que regem as organizações contemporâneas. Utilizando a análise fílmica como método qualitativo, investigam-se dimensões do cotidiano laboral que escapam aos indicadores tradicionais de gestão. A base teórica percorre a transição da microfísica do poder e do panoptismo de Michel Foucault para a sociedade de controle de Gilles Deleuze, conectando essas ideias à vigilância líquida de David Lyon e à racionalidade neoliberal descrita por Dardot e Laval. O foco central da discussão recai sobre a saúde mental do trabalhador, examinada sob o prisma da psicodinâmica do trabalho de Christophe Dejours e da psicopolítica de Byung-Chul Han. A análise demonstra como a substituição da vigilância externa pela auto exploração e pela modulação empresarial corrói a autonomia individual, desmantela o coletivo e resulta em esgotamento psíquico. Conclui-se que a obra funciona como um espelho do totalitarismo gerencial moderno, onde o autoritarismo político de outrora sobrevive transvestido de métricas de desempenho e adoecimento no trabalho real.

Palavras-chave: Saúde Mental; Psicodinâmica do Trabalho; Cinema; Administração.

INTRODUÇÃO

Este estudo toma como objeto central de análise o longa-metragem *O Agente Secreto* (2025), de Kleber Mendonça Filho, para investigar como as estruturas de vigilância e controle moldam a subjetividade e geram sofrimento no mundo corporativo contemporâneo. A obra situa-se no Recife de 1977, durante o período de "distensão" da Ditadura Militar brasileira, focando sua lente na atmosfera asfixiante de uma paranoia cotidiana em vez de se limitar à repressão institucional explícita. O enredo acompanha Marcelo, um personagem que, ao se mudar para a capital pernambucana, é tragado por uma rede de observação invisível alimentada por arquivos do serviço secreto, vizinhos vigilantes e uma burocracia estatal sombria. O filme utiliza o cenário analógico dos anos 1970 para materializar o que pode se chamar de "estética do binóculo": o mal-estar permanente de saber-se monitorado sem jamais conseguir identificar o rosto ou as intenções do observador.

Essa narrativa funciona como um dispositivo crítico que permite confrontar a paranoia física e analógica de outrora com as sutis e perversas métricas de desempenho e algoritmos das empresas

contemporâneas. O presente trabalho define como seu objetivo geral analisar a metamorfose dos dispositivos de poder, partindo da vigilância disciplinar representada no filme em direção à vigilância líquida das organizações atuais, para examinar como a transição para uma sociedade de controle modula a identidade do trabalhador e impacta, de forma determinante, sua saúde mental diante da erosão da autonomia e da dignidade no trabalho real.

A escolha da análise fílmica como método justifica-se pela capacidade do cinema de atuar como um "laboratório social" (Leite et al., 2021), revelando dimensões da experiência humana e do sofrimento psíquico que as métricas quantitativas de gestão rotineiramente negligenciam. A obra de Mendonça Filho dialoga de forma estreita com a microfísica do poder de Michel Foucault (1987), materializando o adestramento dos corpos e o panoptismo clássico por meio da observação constante e da vigilância hierárquica. No entanto, o filme também oferece um espelho incômodo da realidade organizacional do século XXI. Se no Recife de 1977 os arquivos físicos e a espionagem estatal sustentam o medo, nas empresas contemporâneas a transição para o que Gilles Deleuze (1992, p. 224) denomina "sociedade de



controle" substitui a rigidez do confinamento por mecanismos fluidos, onde "a empresa substituiu a fábrica" e a "modulação substituiu o molde".

Essa lógica de controle contínuo é profundamente enraizada na racionalidade neoliberal que, conforme formulado por Dardot e Laval (2016), forja um "neossujeito" compelido à autogestão, à concorrência generalizada e ao desempenho ininterrupto. Nesse cenário, a vigilância torna-se "líquida" (Bauman; Lyon, 2013), infiltrando-se nos poros da vida privada e operando triagens sociais que definem o sucesso ou o descarte sumário do sujeito.

O ponto crucial desta análise reside em compreender como essa pressão constante culmina no que Byung-Chul Han (2015) descreve como "psicopolítica", estágio em que a vigilância externa exercida por outrem é introjetada pelo próprio indivíduo sob a forma de auto exploração e esgotamento. Ao cruzar a análise dos corpos dóceis foucaultianos e a psicodinâmica de Christophe Dejours (2004) com a tese da corrosão do caráter de Richard Sennett (2000), este texto busca decifrar o sofrimento ético e o colapso da saúde mental do trabalhador atual frente à obsessão gerencial pelo controle. Utiliza-se, assim, a potência visual de *O Agente Secreto* para materializar a conexão oculta entre o autoritarismo político de ontem e o totalitarismo gerencial contemporâneo, cujo principal e mais alarmante sintoma é o adoecimento psíquico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Do Panoptismo de Foucault à Vigilância Líquida das Organizações

A base teórica para a compreensão dos mecanismos de controle representados em *O Agente Secreto* (2025) repousa, inicialmente, na analítica do poder de Michel Foucault (1987). No filme, o Recife de 1977 funciona como um laboratório da "sociedade disciplinar", onde o poder é exercido primordialmente por meio da organização do espaço e da visibilidade. Foucault utiliza a metáfora arquitetônica do Panóptico, idealizada por Jeremy Bentham, para explicar um sistema no qual o indivíduo se sabe vigiado, mas nunca pode precisar o momento exato da observação, gerando o que o autor define como o princípio da própria sujeição:

"Aquele que está submetido a um campo de visibilidade, e que sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; ele as faz desempenhar espontaneamente sobre si mesmo; ele inscreve em si próprio a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; ele se torna o princípio de sua própria sujeição." (FOUCAULT, 1987, p. 166).

A "estética do binóculo" — caracterizada pela observação à distância e pelo registro burocrático minucioso — visa, em última análise, produzir o que Foucault (1987, p. 119) chama de "corpos dóceis": corpos que podem ser "submetidos, utilizados, transformados e aperfeiçoados". O protagonista Marcelo, ao perceber-se enredado em uma teia de arquivos secretos e vizinhos vigilantes, personifica esse sujeito adestrado pela paranoia. O controle disciplinar prescinde da força física constante, pois a incerteza da vigilância faz com que o indivíduo vigie a si mesmo, garantindo a ordem através da autodisciplina e da internalização do olhar do vigia.

Contudo, a administração contemporânea herdou e refinou radicalmente esses dispositivos disciplinares. Gilles Deleuze (1992) identifica uma mutação histórica fundamental que reconfigura as relações de trabalho: a passagem das "sociedades disciplinares" para as "sociedades de controle". Se no filme de Mendonça Filho, o controle ainda é exercido predominantemente em espaços de confinamento delimitados (repartições, apartamentos, arquivos físicos), na modernidade tardia ele se torna fluido, operando por modulação e redes abertas.

É o que David Lyon (2013, p. 12) conceitua como *Vigilância Líquida*: uma vigilância que "flui, infiltra-se e espalha-se onde quer que haja conexões, dispositivos digitais ou dados flutuantes". Nas organizações atuais, o binóculo do agente secreto foi substituído pelo algoritmo de *people analytics*; a vigilância não é mais um evento isolado ou geograficamente localizado, mas um fluxo constante de dados (metadados, logs de acessos, telas capturadas) que monitora o desempenho e o comportamento em tempo real. Essa transição é crucial para entender o adoecimento: enquanto a disciplina foucaultiana possuía um "turno" de trabalho claro para se encerrar, a vigilância líquida é onipresente e ininterrupta, dissolvendo as fronteiras entre o tempo de vida e o tempo de trabalho (Bauman; Lyon, 2013).

A Racionalidade Neoliberal e o Totalitarismo Gerencial

A operacionalização desse controle no ambiente corporativo contemporâneo ocorre por meio da racionalidade neoliberal. Como explicam Pierre Dardot e Christian Laval (2016), o neoliberalismo não é meramente uma política econômica, mas uma racionalidade que tende a estruturar e governar não apenas a ação dos governantes, mas a própria conduta dos indivíduos. Sob essa égide, o trabalhador é compelido a agir como uma "empresa de si mesmo", um ser guiado pela lógica da auto valorização e da concorrência interna:

"O neossujeito é o homem da competição e do desempenho. [...] Ele é intimado a ser um



'sujeito ativo', a se engajar plenamente no seu trabalho, a se autogerir para alcançar objetivos que lhe são impostos como se tivessem sido escolhidos por ele mesmo." (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 327).

Nesse contexto, Gaulejac (2007) introduz o conceito de gerencialismo, argumentando que a gestão moderna impõe exigências paradoxais: demandam-se do trabalhador autonomia, proatividade e criatividade, mas exige-se, simultaneamente, conformidade absoluta a métricas rígidas de desempenho e indicadores-chave (KPIs). Esse "totalitarismo gerencial" sequestra a subjetividade dos sujeitos, transformando o desejo legítimo de realização profissional em uma obsessão patológica por metas inalcançáveis.

Essa contradição gera uma dolorosa fragmentação da identidade. No filme *O Agente Secreto*, Marcelo vive o paradoxo de estar inserido em uma estrutura que exige dele discrição e eficiência absoluta, ao mesmo tempo em que o vigia de forma asfixiante e desconfiada.

"A gestão moderna não busca apenas dirigir os comportamentos, mas governar as almas. Ela pretende mobilizar a psique dos indivíduos a serviço da empresa, transformando o desejo de realização em uma obsessão pelo desempenho." (GAULEJAC, 2007, p. 45).

O adoecimento, sob esta ótica, decorre do fato de o indivíduo nunca se sentir plenamente à altura das expectativas ideais e das exigências de produtividade da organização. A vigilância, que em 1977 era materializada pelo "binóculo", torna-se interna sob a forma de uma culpa constante, de ansiedade crônica e do medo permanente da insuficiência e do descarte organizacional. O sofrimento psíquico é o resultado direto de um sistema que exige o impossível: que o ser humano funcione com a regularidade e a frieza de um algoritmo de produtividade (Gaulejac, 2007).

Essa transição do controle exercido por outrem para o controle auto imposto encontra sua máxima formulação teórica no pensamento de Byung-Chul Han (2015). Para o autor, a contemporaneidade consolidou a passagem da sociedade disciplinar clássica que operava sob a negatividade da proibição e do dever ("você deve") para a sociedade do desempenho, estruturada sob a aparente positividade da liberdade e do "poder" ("você pode") (Han, 2015). Nesse novo cenário, a vigilância externa torna-se obsoleta, pois é substituída por uma técnica de dominação muito mais eficiente e silenciosa: a auto exploração.

Psicopolítica e o Sofrimento na Psicodinâmica do Trabalho

O impacto subjetivo final desse modelo de controle e desempenho é o esgotamento psíquico generalizado. Byung-Chul Han (2015, 2018) demonstra que a sociedade contemporânea transitou da sociedade disciplinar de Foucault para uma "sociedade do desempenho", onde a técnica de dominação deixa de ser repressiva para tornar-se sedutora e estimulante — o que ele denomina psicopolítica. O sujeito do desempenho, sob a ilusão de uma liberdade produtiva ("eu posso"), torna-se, simultaneamente, agressor e vítima de si mesmo, explorando-se voluntariamente até o colapso:

"A carência de liberdade do sujeito de desempenho não é de natureza servil, que se origina na coação de outro. É uma auto exigência de liberdade que acaba por se converter em auto coação, na qual o sujeito se torna seu próprio carrasco." (HAN, 2015, p. 30).

O resultado dessa psicopolítica neoliberal é o cansaço que isola os sujeitos e a depressão como sintoma clínico de um "eu" que faliu diante do imperativo da hiperatividade e da otimização constante (Han, 2015).

Para compreender as defesas e o sofrimento gerados nesse cenário, a Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours (1994, 2004) oferece ferramentas analíticas fundamentais. Dejours aponta que o trabalho nunca é neutro em relação à saúde mental; ele pode ser um mediador de prazer e autorrealização ou um vetor de sofrimento e alienação. O sofrimento patogênico surge quando a organização do trabalho destrói os espaços de cooperação e o coletivo de trabalho.

A vigilância constante, a avaliação individualizada e a competição imposta pelas métricas modernas corroem a confiança e a solidariedade entre os colegas, gerando o que Dejours (2004) qualifica como "sofrimento ético" a dor de ter de cooperar com práticas corporativas injustas ou de se calar perante o sofrimento do outro para garantir a própria sobrevivência na organização. O trabalhador adocece porque o controle administrativo o obriga a ser cúmplice de um sistema que ignora sua dignidade. Assim como o silêncio e a suspeita dominam o ambiente de Marcelo no Recife de Mendonça Filho, o isolamento produtivo domina as empresas modernas, fazendo da saúde mental o custo invisível e inevitável do controle gerencial totalitário.

MATERIAL E MÉTODOS

A fundamentação metodológica deste trabalho estrutura-se sob uma abordagem qualitativa e descritiva, escolha que se justifica pela necessidade de apreender fenômenos que residem na esfera da subjetividade, das relações simbólicas de poder e do sofrimento psíquico (Leite et al., 2021). Este estudo



busca desvelar as tramas invisíveis do controle organizacional e suas repercussões na saúde mental do trabalhador contemporâneo, utilizando a lente cinematográfica como anteparo reflexivo e documental.

O procedimento investigativo concentra-se na análise do longa-metragem *O Agente Secreto* (2025), dirigido por Kleber Mendonça Filho. A obra é tratada aqui não como mera ilustração ou entretenimento passivo, mas como um dispositivo analítico e fonte primária de dados que materializa as patologias da gestão e as estruturas de dominação discutidas pela teoria crítica das organizações.

A escolha desta obra justifica-se por sua capacidade de operar como uma alegoria anacrônica: o monitoramento analógico do passado político brasileiro projeta, por analogia e contraste, a vigilância algorítmica onipresente das corporações do século XXI, permitindo diagnosticar os custos invisíveis da produtividade e o sequestro da autonomia do sujeito. A trajetória do protagonista, Marcelo, oferece o material empírico necessário para observar o que Gaulejac (2007) conceitua como o "governo das almas", uma racionalidade gerencial que mobiliza a psique a serviço do desempenho ininterrupto.

O tratamento sistemático desse material audiovisual foi operado mediante a técnica de Análise de Conteúdo, conforme a sistematização de Laurence Bardin (2016), executada em três fases interdependentes que asseguram o rigor científico e a transparência da interpretação:

a) pré-análise: consistiu na visualização flutuante e exaustiva da obra para a identificação dos núcleos de sentido primários, delimitando o corpus analítico às sequências que evidenciam o conflito entre a vigilância institucional e a resistência psíquica do indivíduo;

b) Exploração do material: O filme foi decupado em unidades de registro (cenas e sequências) para a geração de categorias de análise fundamentais, tais como: (I) Panoptismo Estético e a Paranoia do Olhar; (II) Totalitarismo Gerencial e a Clivagem da Identidade; e (III) Psicopolítica do Esgotamento e Sofrimento Ético. Essas categorias emergiram do confronto direto entre a gramática visual do filme (uso de sombras, enquadramentos claustrofóbicos, planos fechados e a sonoplastia opressora) e o referencial teórico adotado;

c) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação: realizou-se a triangulação teórica entre as evidências fílmicas (as manifestações psicossomáticas de Marcelo, como a insônia, a paranoia e a hipervigilância) e o pensamento dos autores selecionados, discutindo criticamente a

transição da vigilância externa para a autocoação na Sociedade do Desempenho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A O Panoptismo Estético e a Paranoia do Olhar

Para decodificar a gramática da vigilância que une a ditadura militar representada no longa-metragem ao seu reflexo na cultura corporativa contemporânea, a obra de Michel Foucault (1987) revela-se indispensável. Na narrativa visual de Kleber Mendonça Filho, a eficácia do controle não reside na repressão física ostensiva e imediata, mas sim na dolorosa consciência da possibilidade de ser observado a qualquer instante. Marcelo, o protagonista, habita exatamente esse estado psíquico de sítio, cercado por uma teia de observadores informais: o colega silencioso na repartição burocrática, o vizinho atento à janela da pensão e o olhar onipresente, mas invisível, do aparato de Estado.

Esse arranjo visual materializa a arquitetura do poder descrita por Foucault (1987) em sua análise do Panóptico:

"O Panóptico é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto. [...] Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder." (FOUCAULT, 1987, p. 166-167).

No Recife de 1977, as sombras claustrofóbicas e os enquadramentos que sugerem a perspectiva de um binóculo oculto reforçam esse efeito. Marcelo torna-se o seu próprio carcereiro: cada passo na rua é calculado, cada olhar ao redor é uma pesagem de riscos e cada palavra pronunciada é cuidadosamente filtrada. O controle opera pela incerteza.

Se o filme ilustra com precisão esse panoptismo analógico, ele também serve como um arquétipo estético para a transição digital desse conceito em direção ao que David Lyon (2013) qualifica como a "Vigilância Líquida". No ambiente corporativo contemporâneo, a ameaça de punição já não emana de agentes físicos à espreita na esquina, mas de rastros digitais e metadados comportamentais invisíveis.

A analogia é direta: enquanto Marcelo teme a delação ou o relatório físico de um vizinho na pensão, o trabalhador moderno enfrenta a angústia silenciosa de que seus logs de acesso, sua velocidade de digitação ou o tempo de resposta em aplicativos de comunicação interna (como Slack ou Teams) emitam relatórios automatizados de baixa produtividade. O algoritmo funciona como o binóculo invisível das corporações contemporâneas, quantificando e qualificando o



sujeito continuamente, sem que haja necessidade de um vigia humano visível na sala.

Totalitarismo Gerencial e a Clivagem da Identidade

Essa onipresença do controle introduz o que Vincent de Gaulejac (2007) conceitua como a "gestão como doença social". A ideologia gerencialista do desempenho e do controle total não busca apenas a eficiência operacional, mas a colonização profunda da subjetividade e do desejo do trabalhador. No filme, o sistema de vigilância não quer apenas obter dados de Marcelo; exige sua anulação existencial e sua submissão burocrática.

Gaulejac (2007) argumenta que o gerencialismo produz um "sujeito clivado", cindido de forma permanente entre sua essência subjetiva e as exigências formais de desempenho. Marcelo encarna essa clivagem ao assumir a falsa identidade de "Carlos" para sobreviver. Ele realiza um penoso "trabalho de fachada", que demanda o sacrifício de sua própria história e de suas referências afetivas em troca de uma inserção precária e segura no sistema.

Essa dinâmica de captura da psique ressoa com as análises clássicas de Eugène Enriquez (1990) sobre a organização como um sistema de poder que visa capturar o investimento pulsional dos sujeitos. De acordo com Enriquez, o poder organizacional contemporâneo busca criar um "homem organizacional" idealizado, despojado de conflitos internos, de desejos singulares e de resistência política.

O espaço de trabalho torna-se um território de "angústia e sedução" (Enriquez, 1990), onde o medo constante da exclusão ser desmascarado como o "Agente" no filme ou ser considerado "obsoleto" e improdutivo nas empresas modernas atua como a engrenagem psicológica que garante o funcionamento silencioso do sistema. A identidade clivada do trabalhador é o preço pago para pertencer a uma estrutura que pune severamente a dissidência e a singularidade.

Psicopolítica do Esgotamento e Sofrimento Ético

É nesse solo de pressões estruturais e controle invisível que germina o colapso da saúde mental, conforme teorizado pela Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours. Para Dejours (1994; 2004), o sofrimento nas organizações não é uma fraqueza individual ou um desajuste biológico, mas um produto direto de uma organização do trabalho que bloqueia a subjetividade e ignora a "inteligência prática" do trabalhador em benefício da rigidez do "trabalho prescrito".

No longa-metragem, o aparato burocrático e repressivo de espionagem é a face mais fria e inflexível desse trabalho prescrito. Marcelo é reduzido

a uma engrenagem burocrática intercambiável. Sua busca pessoal pela história de sua mãe carregada de memória, afeto e sentido existencial representa o seu "trabalho real", o espaço de sua singularidade. Contudo, para exercer esse real, ele precisa subverter as regras estritas do sistema, gerando uma lacuna que consome rapidamente suas energias psíquicas. Dejours (2004, p. 28) esclarece que o sofrimento patogênico e o adoecimento irrompem exatamente nesse bloqueio:

"O sofrimento começa quando a relação do sujeito com o trabalho é bloqueada, quando ele não encontra mais no trabalho o caminho para o seu desenvolvimento psíquico, ou quando a organização do trabalho se opõe a esse desenvolvimento." (DEJOURS, 2004, p. 28).

Nesse sentido, a pensão no Recife antigo funciona como uma metáfora visual perfeita da corporação panóptica horizontalizada contemporânea. Os corredores compartilhados, as portas entreabertas e as janelas devassadas antecipam o conceito de *open space* das empresas modernas e a completa diluição das fronteiras entre o espaço público e a vida privada. Nas organizações contemporâneas, essas interfaces de captura de dados estão nos smartphones corporativos que invadem os finais de semana e nos softwares de monitoramento doméstico durante o home office.

O trabalhador habita a mesma angústia de Marcelo: a paranoia de ser observado e julgado a qualquer momento deixa de ser uma patologia clínica individual e passa a ser uma ferramenta de sobrevivência necessária. O trabalhador que simula atividade movimentando o mouse artificialmente para enganar o software de gestão compartilha da exata angústia do protagonista de Mendonça Filho perante a suspeita generalizada.

Essa realidade de hipervigilância e autoexigência culmina no que Byung-Chul Han (2015, 2018) define como os sintomas da Sociedade do Desempenho. O triunfo definitivo do sistema de controle em O Agente Secreto não reside no uso da força bruta do Estado sobre o corpo de Marcelo, mas na exaustão psíquica interna de um sujeito que, no limite de suas forças, já não consegue diferenciar as ordens externas do vigia de seus próprios pensamentos de autodefesa.

Como sinaliza Han (2015, p. 30) sobre o esgotamento na era psicopolítica, o sujeito "torna-se seu próprio carrasco", consumindo-se na busca por metas e na vigilância contínua de si mesmo sob o imperativo de uma eficiência implacável. O adoecimento psíquico (a depressão, a síndrome de burnout, a ansiedade generalizada) revela-se, assim, como o sintoma social e clínico mais visível do totalitarismo gerencial contemporâneo.



CONCLUSÃO

Este artigo cumpriu o seu objetivo ao demonstrar que as estruturas de vigilância e controle, embora situadas historicamente na atmosfera analógica do Recife de 1977, operam como matrizes conceituais e estéticas das patologias de gestão contemporâneas. Através da análise fílmica do longa-metragem de Kleber Mendonça Filho, evidenciou-se que o sofrimento psíquico do trabalhador contemporâneo não é um fenômeno isolado ou uma disfunção individual, mas o resultado estrutural de um sistema organizacional que transmuta o panoptismo clássico em uma vigilância líquida, algorítmica e invisível.

A trajetória do protagonista Marcelo revelou o hiato destrutivo entre as demandas rígidas do trabalho prescrito e a busca humana por sentido no trabalho real. Quando a organização do trabalho anula o espaço para a singularidade, a cooperação e o desenvolvimento psíquico, a saúde mental é sacrificada em nome de métricas abstratas de desempenho, culminando no sofrimento ético e no esgotamento discutidos pela Psicodinâmica do Trabalho.

A principal contribuição deste estudo reside na articulação crítica e interdisciplinar entre a Estética Cinematográfica e a teoria crítica da Administração. O filme funcionou como um potente laboratório social e analítico, permitindo visualizar e materializar o que autores como Christophe Dejours e Vincent de Gaulejac definem conceitualmente como o sequestro da subjetividade.

Conclui-se que, tanto no aparato repressivo estatal de outrora quanto na moderna cultura corporativa do desempenho, o controle totalitário induz o indivíduo a internalizar o olhar do vigia e a tornar-se o seu próprio feitor, processo que Byung-Chul Han identifica como a gênese da sociedade do cansaço. Este trabalho reforça a urgência ética e científica de se repensar profundamente a organização do trabalho, priorizando a reconstrução dos coletivos de trabalho, a restauração da autonomia e a preservação da saúde mental frente a modelos gerenciais que ignoram a complexidade e a dignidade da vida humana.

Espera-se que o presente trabalho inspire novos estudos na área da Administração a partir do método de análise fílmica, considerando as inúmeras discussões que podem ser desenvolvidas com base na análise metafórica de obras cinematográficas. Entende-se que esse tipo de recurso ainda é pouco utilizado na Administração, demandando novos olhares sobre diferentes temáticas da área.

Como agenda inicial de pesquisa, sugere-se a realização de estudos que deem continuidade à problematização da sociedade do cansaço e da neurose

da excelência (Aubert, 1993), a partir das representações sociais presentes em filmes e séries.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, Nicole. A neurose profissional. *Revista de Administração de Empresas*, v. 33, n. 1, p. 84–105, 1993.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trans.). Edições 70.
- Bauman, Z., & Lyon, D. (2013). *Vigilância líquida: Diálogos* (C. A. Pereira, Trad.). Jorge Zahar.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal* (M. Echalar, Trad.). Boitempo.
- Dejours, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à análise do prazer e do sofrimento no trabalho*. Atlas.
- Dejours, C. (2004). *A loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho* (5ª ed.). Cortez.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações* (P. P. Pelbart, Trad.). Editora 34.
- Enriquez, E. (1990). *Da horda ao Estado: Psicanálise do vínculo social*. Jorge Zahar.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão* (R. Ramalhe, Trad.). Vozes.
- Gaulejac, V. de. (2007). *Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencial e fragmentação social* (I. Storniolo, Trad.). Ideias & Letras.
- Han, B.-C. (2015). *Sociedade do cansaço* (E. P. Giachini, Trad.). Vozes.
- Han, B.-C. (2018). *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder* (M. S. Gonçalves, Trad.). Estação Liberdade.
- Leite, N. R. P., Nishimura, A. T., Silva, M. A. B., & Santos, E. G. (2021). *Análise Fílmica em Pesquisas em Administração: Sabendo o Porquê e Como Utilizá-la. Gestão & Regionalidade*, 37(112), 337–350.
- Mendonça Filho, K. (Diretor). (2025). *O Agente Secreto* [Filme]. CinemaScópio.
- Sennett, R. (2000). *A corrosão do caráter: O impacto pessoal do trabalho no novo capitalismo* (W. Dutra, Trad.). Record.